

CUIDADO AMBIENTAL E O REDUCTIONISMO CONCEITUAL

ISABEL RIBEIRO MARQUES¹; ROSELAINE MACHADO ALBERNAZ²

¹ Universidade Federal do Rio Grande - Furg – isabeljag@yahoo.com.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – MPET- Campus Pelotas – rosealbernaz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

INQUIETAÇÕES...

O presente estudo provém das inquietações decorrentes do percurso da autora, partindo-se de meados dos anos 2000 ao ingressar no curso de Direito e, uma insatisfação acompanhava quem vos escreve, assim, comecei a cursar simultaneamente bacharelado em Ecologia pelo interesse que a temática ambiental sempre despertou. Após a conclusão dos cursos, procurei saber um pouco mais sobre possíveis entrelaçamentos entre as áreas, assim, buscou-se a especialização em Direito Ambiental. Em 2012 foi dado início a docência no ensino superior. Nesse universo de possibilidades que a sala de aula proporciona, juntamente com dois bacharelados, sentia a necessidade de apoio teórico e prático com a educação, assim, busquei no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia e, após sua conclusão, o Doutorado em Educação Ambiental na FURG (em andamento).

Com o passar dos anos, algo que sempre despertou curiosidade era a surpresa demonstrada ao comentar sobre a escolha dos cursos de graduação, *“Como assim, Direito e Ecologia? Dois cursos que não tem nada a ver”*. Inicialmente não eram levados tão a sério esses comentários, mas com o passar dos anos eles não cessaram. Esse discurso começou a causar um enorme incômodo, pois me parecia tão nítido que quando se fala em ecologia, se fala em ambiente, se fala em vida, se fala em direito, se fala em tudo!

Buscando fios para embasar esse estudo, que se faz esse breve retrospecto, contando um pouco do percurso até aqui, justifica-se a presente escrita, que emerge do desassossego provocado por tantos discursos prontos aliando-se às inquietações tão vivas e rizomáticas¹, provenientes da caminhada.

Para ilustrar essas representações basta fazermos um simples e rápido exercício em um dos principais mecanismos de busca: o google! O que aparece ao digitarmos “meio ambiente” e buscarmos imagens?

¹ “Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; (...). O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, (...). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda.” (DELEUZE, G., GUATTARI F. 2007, p. 31)



IMAGEM 1: Pesquisando o termo “meio ambiente” no google (acesso em 27 de junho de 2016)

O que verificamos na imagem obtida através da pesquisa? Muito verde, uma restrição aos recursos naturais e, mais inquietante ainda, as mãos humanas no entorno do planeta, demonstrando um antropocentrismo exacerbado, um distanciamento como se fossemos algo “fora” do ambiente. Quando se faz referência a um antropocentrismo, a partir do qual o homem torna-se o centro do cosmos, superior à natureza, o meio ambiente natural reduz-se à ideia de algo distante, e inferior, aos seres humanos, assim o representacionismo estimula que se siga acreditando que o homem é separado do mundo e que assim seguirá sendo (MATURANA; VARELA, 2011, p. 9).

Nesse contexto que o trabalho se realiza, tenta-se de alguma maneira estimular o pensamento sobre as questões ambientais mas de uma maneira mais afastada do que o senso comum imagina. Exemplifica-se, quando se fala em crise ambiental, não é surpresa, não se trata de novidade, estamos diante de um constante bombardeio de notícias catastróficas e generalistas sobre a problemática ambiental. Crise da água, excesso de lixo, poluição. Em contrapartida, uma enxurrada de apelos ambientais para “amenizar” a problemática que vivenciamos: recicle! Não desperdice! Banho de 5 minutos!. Como se cada um fazendo a sua parte estaríamos em dia com nossa cota de responsabilização...

Acredita-se que esteja mais do que na hora de estimularmos uma resistência a esses pensamentos tão vazios, desconectados e propagados sobre o Cuidado Ambiental, que são disseminados como produtos aptos ao consumo.

2. SOBRE A TESSITURA

Para tecer a escrita proposta busca-se de algum modo compor um exercício cartográfico. A cartografia acompanha processos e se faz ao mesmo tempo em que certos discursos se desfazem (ROLNIK,2007). Através desse método temos uma possibilidade de se fazer dizer, pensar e compreender a produção de sentidos que abarcam as questões ambientais. Nesse exercício onde o foco não é o produto final, e sim a caminhada, sujeita ao ambiente, aos rizomas que emergem nessa ânsia de andar. E para esse pequeno rasgo de escrita investiu-se em pequenos fragmentos de ditos, escritos e apoio nos autores que acompanham as pesquisas, ou seja, aqueles pares que proporcionam o ir além do visível, e possibilitam o retorno ao dizível para pensarmos o cuidado ambiental.

3. QUESTIONAMENTOS EMERGEM

Entende-se que precisamos desvelar os questionamentos ambientais dessa visão tão imediatista e vazia. Resistir ao que está posto! Buscando repensar as maneiras que somos submetidos a repetir o que já foi dito, reproduzindo comportamentos e discursos muitas vezes sem questionar sobre que ambiente se está falando e sobre que cuidado ambiental se está tendo.

Guattari (2015, p. 38) alerta que a tomada de consciência ambiental não deverá se preocupar somente com os fatores naturais como poluição, aquecimento global, extinções, mas deverá repensar às devastações ecológicas relativas ao campo social e ao domínio mental, pois sem transformações das mentalidades e dos hábitos coletivos estaremos estagnados, e nesses hábitos coletivos estão incluídas também, as representações que envolvem a presente escrita.

Tarefa árdua, longo caminho, mas acredita-se na necessidade de buscar estimular o pensamento sobre a importância da inserção de todos nos questionamentos diários desses apelos ambientais, longe dos conformismos de que tudo ficará bem enquanto estivermos separando nosso lixo e tomando banho de 5 minutos, não menosprezando as práticas diárias de cuidado, mas indo além dessas conformações distribuídas como salvadoras do planeta.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Considera-se esse trabalho um pequeno rasgo de escrita proveniente das pesquisas do mestrado e que desejaram o doutorado em educação ambiental. Acredita-se que seja eminente a necessidade de estímulo ao pensamento para resistir a maneira simplista e reducionista que muitas vezes as questões relacionadas ao cuidado ambiental são tratadas, como produtos aptos ao consumo através de domínios previamente articulados (MARQUES, I, DE ARAUJO, R. 2016 p. 226).

Guattari (2000, p. 8) alerta que a sociedade, de maneira geral, encontra-se em uma infantilização regressiva, os jovens são cada vez mais moldados pelas informações superficiais distribuídas pelos meios de comunicação de massa, onde não se estimula a pensar sobre as ideias que estão sendo estipuladas de antemão. E ainda, traz um serialismo de empobrecimento geral (Guattari, 2015, p. 43) Tarefa fácil? Não! Sair da zona de conforto, desacomoda, perturba, mas também motiva. Tratam-se de linhas que querem saltar dessa folha, querem desacomodar esse conformismo. Não colocaremos um ponto final, pois fim suscitaria término, e estamos muito distantes ainda de terminar essa caminhada, buscando apoio em Bauman (2013, p. 28) por ora, nos despedimos:

“Não nos esqueçamos que toda maioria começou como uma pequenina, invisível e imperceptível minoria. E que mesmo carvalhos centenários desenvolveram-se a partir de bolotas ridiculamente minúsculas.”

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2013

DELEUZE, Gilles, GUATTARI F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1
São Paulo. Editora 34. 2007

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas/SP. Editora Papirus, 2000.

GUATTARI, Felix. **Qué es la ecosofia?** textos presentados y agenciados por
Stéphane Nadaud – 1ª ed. - Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Cactus, 2015

MARQUES, Isabel Ribeiro; DE ARAUJO, Roger Albernaz. **Possibilidades de um cuidado ambiental por entre um cotidiano antropocêntrico: discurso, mídia e representação**. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 213-229, jun. 2016. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/5081>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A Árvore do conhecimento – As bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athenas, 2001

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.